

## EM BUSCA DE CONCEITUALIZAÇÃO DE *EPISTEMOLOGIA DA PRÁTICA* Silas Borges Monteiro (UFMT)

Este trabalho gira em torno do conceito de *epistemologia da prática*. Esta opção deu-se em razão da minha pesquisa de doutorado, cujo objetivo é a formação de professores em uma Licenciatura em Pedagogia. A principal característica dessa Licenciatura é o fato de formar professoras da rede pública da região geopolítica de Cuiabá, Mato Grosso; são professoras concursadas que recebem sua formação em serviço nas escolas públicas. O curso está contextualizado no *Programa Interinstitucional de Qualificação Docente para o Estado de Mato Grosso* que visa “a formação acadêmica de todo corpo docente da Educação Básica no Estado (...) num prazo estimado em quinze anos (1995-2011)” (SEDUC, 1996:6).

Um dos pontos que estou abordando em meus estudos é a relação entre universidade e escola e suas implicações na formação docente; procuro investigar também os desdobramentos dessa formação na prática das professoras. Conceitos como *professor reflexivo* e *pesquisa colaborativa* têm auxiliado-me nas minhas investigações.

Nesse momento, vejo-me com a necessidade de esclarecer para mim mesmo o conceito de *epistemologia da prática*, pois tenho entendido que para pensar a prática docente é necessária uma concepção epistemológica; por isso, pretendo esclarecer para mim mesmo o que vem a ser pensar uma *epistemologia da prática*.

De acordo com PIMENTA (2000:80-81), podemos inscrever essa pesquisa na temática *Epistemologia da Didática*, pois é uma temática que tem se preocupado, entre outras coisas, com o campo epistemológico da didática com a preocupação da “análise do debate sobre temas e metodologias de investigação (epistemologia da prática); (...) do saber (reflexivo) do professor” entre outras.

Ao mesmo tempo, entendo que esse trabalho insere-se no campo da Didática por entendê-la como:

(...) uma área de estudos da Ciência da Educação (Pedagogia), que, assim com esta, possui um caráter prático (práxis). Seu objeto de estudo específico é a problemática de ensino, enquanto prática de educação, é o estudo do ensino em situação, ou seja, no qual a aprendizagem e a intencionalidade almejada, no qual os sujeitos imediatamente envolvidos (professor e aluno) e suas ações (o trabalho com o conhecimento) são estudados nas suas determinações histórico-sociais. (PIMENTA, 1996:62-63)

Portanto, a intenção deste trabalho é estabelecer um diálogo com a comunidade acadêmica visando a sua contribuição para que eu possa aprofundar a compreensão do termo. Alimento a convicção de que a investigação desse termo poderá auxiliar-me na análise de processos formativos de professores. Em uma palavra, pretendo submeter

esta conceitualização a um público especializado para que possa dar ao termo maior consistência.

### **UMA INVESTIGAÇÃO ETIMOLÓGICA DO TERMO *EPISTEMOLOGIA***

A palavra *epistemologia* não é encontrada na literatura grega antiga. Apesar do problema do conhecimento fazer parte das questões da Filosofia desde os gregos antigos, o termo *epistemologia* começou a ocupar maior espaço na literatura filosófica apenas na modernidade. Não obstante, o termo grego que origina a expressão (*epistêmê*) é mais comum de ser lido na literatura do período clássico. Este termo aparece 594 vezes em Platão e 322 em Aristóteles. A ocorrência mais remota é em Sófocles (495-406 a.C.). Esse termo não aparece em Homero e Hesíodo, que correspondem ao período arcaico. Isso nos leva a pensar que *epistêmê* tornou-se uma preocupação do pensamento grego apenas no período histórico clássico, ou seja, em torno do século V a.C. E sabemos que esse período marca o auge da *polis* grega e da busca filosófica pelo princípio único que explicasse a *physis*. Podemos afirmar, portanto, com certa segurança, que a *epistêmê* torna-se uma preocupação filosófica junto com outras de ordem política, uma vez que elas estão contextualizadas com a *polis* grega.

O substantivo *epistêmê*, ligado ao verbo *epistamai*, significa, em termos gerais, familiaridade com um assunto, habilidade, experiência (como em arquearia ou na guerra, por exemplo); é uma forma de conhecimento prático. Provavelmente é formado pela conjugação de *epi* (preposição que significa *sobre*) e *histêmi*, que significa: a) colocar em pé, erguer, fixar, colocar firme. Podemos dizer que *epistêmê* traz a idéia de algo que sobre o quê se pode sustentar firmemente.

Conclusões precipitadas poderão sugerir que a *epistêmê* seria aquela produção do intelecto que garantiria um lugar privilegiado para se ver as coisas; algo como aquilo que PUTNAM chamou de “o ponto de vista do Olho de Deus” (1981:77). Para evitar tal interpretação, devemos olhar o que HEIDEGGER escreve sobre a palavra:

O que diz *epistêmê*? O verbo que lhe corresponde é *epistasthai*, colocar-se diante de alguma coisa, ali permanecer e deparar-se, a fim de que ela se mostre em sua visão. *Epistasis* significa também permanecer diante de algo, dar atenção a alguma coisa. Esse estar diante de algo numa permanência atenta, *epistêmê*, propicia e encerra em si o fato de nós nos tornarmos e sermos cientes daquilo diante do que assim nos colocamos. Sendo cientes podemos, portanto, tender para (*vorstehen*) a coisa em causa, diante da qual e na qual permanecemos na atenção. Poder tender para a coisa significa entender-se com ela. Traduzimos *epistêmê*, por “entender-se com-alguma-coisa”. (1994:204)

Creio que já temos alguns elementos para darmos um passo a mais em nossa tarefa conceitual; quando falamos em *epistemologia da prática*, estamos falando de um

tipo de ciência (no sentido de estar ciente) que se entende com-alguma-coisa. Vamos ao próximo passo.

Como já disse, não encontramos a ocorrência do termo epistemologia na literatura grega antiga. Mas encontramos *epistêmê* e *logos*. Vejamos algo sobre o sentido de *logos*.

Localizo como ocorrência mais remota do termo em Hesíodo (*Teogonia*). *Logous* é filho de Éris; sobre esta figura da mitologia grega BRANDÃO afirma:

*Éris* é, em princípio, “o ardor no combate, a luta, a disputa, a querela, a rivalidade, a discórdia”. Aparece já personificada em Homero e Hesíodo. (1990:355)

Sendo o *Logos* da linhagem de Éris, podemos dizer que a *fala* ou o *discurso* (significados literais da palavra grega) é fruto da disputa, da luta, do combate. É com certo receio que afirmo isso, pois facilmente podemos transpor esses termos para âmbitos extremados, sejam eles no que diz respeito ao sentido cristã, ou entendendo luta com a conotação marxista. Diria que ambos os extremos inscrevem-se no campo da moral; e recordo-me de Nietzsche quando diz:

A moral mesma – como? A moral não seria uma “vontade de negação da vida”, um instinto secreto de aniquilamento, um princípio de decadência, apequenamento, difamação, um começo do fim? E, em consequência, o perigo dos perigos?... *Contra* a moral, portanto, voltou-se então, com esse livro problemático, o meu instinto, como um instrumento em prol da vida, e inventou para si, fundamentalmente, uma contradoutrina e uma contra-valorização da vida, puramente artística, *anticristã*. (1871 § 5).

O alerta do filósofo desperta-nos para a condição humana. Essa condição ambígua – a fala como fruto da disputa – é da ordem da condição humana. Só a confiança em uma natureza não-humana poderá sustentar a idéia de que qualquer iniciativa humana não seja pertencente a esses elementos contraditórios. Só a prisão a um tipo de ideologia poderia sustentar que a fala é resultado *necessário* de lutas. O que estou sugerindo é que o *logos* grego passa pelo debate, pela argumentação, assim como o experimentavam a democracia grega. E sabemos que o princípio que sustenta a democracia é o reconhecimento de que nenhum dos cidadãos possui *a* verdade, pois de posse dela o debate desvanece; afinal, alguém já possui o que todos buscam! Se entendermos o debate e o discurso como busca de algo que venhamos a concordar, naquele momento, como sendo verdade, a disputa e a luta podem fazer sentidos.

Se por um lado podemos inscrever o *logos* enquanto *dia-logo*, podemos vê-lo, também, como a busca do filósofo: esse procura o *logos*. Vejamos dois fragmentos de Heráclito:

Não de mim, mas do *logos* tendo ouvido é sábio homologar: tudo é um (frag. 50).

Por isso é preciso seguir *o-que-é-com*. Mas, o *logos* sendo *o-que-é-com*, vivem os homens como se tivesse um entendimento próprio e particular (frag. 2)<sup>1</sup>

Não teria espaço suficiente para detalhar as diversas implicações do pensamento heráclítico quanto ao *logos*. Em termos gerais, podemos entender o *logos* no âmbito semântico da palavra grega *lego* (palavra que significa: deitar, colher, dizer entre outros), de onde temos que o *logos* é o que acolhe, o que reúne, e que, de acordo com Heráclito, escuta para além dos sons produzidos. O *logos* é que deve ser seguido, aquilo que *é-com*, está junto, faz parte.

Para finalizar essa breve investigação sobre a palavra *epistemologia*, concluo que ela nos *fala* de um tipo de ciência, ou ainda, de *con(s)ciência* acerca do modo como nos entendemos com-alguma-coisa, ou seja, o modo como a ouvimos; em uma palavra, o seu *logos*. Com isso, quero dizer que há um *logos* a ser apreendido quando nos colocamos diante de algo com a intenção de nos entendermos com ele. E em nosso caso, queremos tudo isso em relação à prática docente. Mas já sabendo que isso depende da nossa escuta atenta e do nosso esforço intelectual em nos entendermos com essa prática. Isso é mais do que dizer como ela deve ser; está além de nossas prescrições técnicas ou teóricas. Diria que a *epistemologia* requer esse estar junto intencionalmente para entender-se com ela.

## DE QUE PRÁTICA ESTAMOS FALANDO

Tendo como base o sentido que dei ao termo *epistemologia*, explicitarei o que tenho entendido por prática docente, o que já a caracteriza. Para tanto, valho-me, inicialmente, da reflexão feita por Libâneo e Pimenta:

As investigações recentes sobre formação de professores apontam como questão essencial o fato de que os professores desempenham uma atividade teórico-prática. É difícil pensar na possibilidade de educar fora de uma situação concreta e de uma realidade definida. A profissão de professor precisa combinar sistematicamente elementos teóricos com situações práticas reais. (LIBÂNEO & PIMENTA, 1999:267)

Isso significa que a prática em questão é um elemento teórico-prático; de acordo com ZEICHNER (1992; 1996), é uma prática reflexiva. Para ele, o ensino reflexivo não é um tipo de operação mecânica que pode ser contida em um modelo fabricado e consumido por professores (ZEICHNER, 1992). Como afirma:

De acordo com Dewey, reflexão não consiste em uma série de passos ou procedimentos para serem usados pelos professores. Mais do que isso, é um caminho holístico de encontros e respostas aos problemas, uma forma de ser professor. Ação reflexiva é um processo que envolve mais que processos lógicos e racionais de solução de problemas. Reflexão envolve intuição e paixão, e não é algo que possa ser empacotado num embrulho de técnicas para serem usadas pelos professores. (1996:9)

---

<sup>1</sup> Estas traduções foram feitas a partir das duas traduções que disponho em português, citadas na bibliografia.

Dewey é um dos filósofos que dão sustentação teórica para o sentido de ensino reflexivo. Em seu livro *Como pensamos* (1909), ele define o ato do pensar reflexivo:

O pensamento reflexivo faz um ativo, prolongado e cuidadoso exame de toda crença ou espécie hipotética de conhecimento, exame efetuado à luz dos argumentos que apóiam a estas e das conclusões a que as mesmas chegam. Qualquer das três primeiras categorias de pensamentos pode produzir e simular este tipo; mas para firmar uma crença em uma sólida base de argumentos, é necessário um esforço consciente e voluntário. (1909:8)

O que Dewey afirma – que Zeichner dá destaque – é que a reflexão não pode ser reduzida a qualquer operação mental; requer “esforço consciente e voluntário”, ou seja, tem método e intenção.

E ao meu ver isso está afinado com o sentido que atribui ao termo *epistemologia*: entender-se com alguma coisa por estar diante dela com a intenção de escutar o seu sentido, suas razões, sua lógica.

Por isso, um conceito complementar à prática reflexiva é o de *pesquisa-colaborativa* (GARRIDO, PIMENTA & MOURA: 2000). É com esse conteúdo dos termos que entendo o que PIMENTA afirma:

A prática do professor estaria sendo constantemente reelaborada pela “reflexão sobre a ação”, isto é, pela reflexão empreendida antes, durante e depois da sua atuação, tendo em vista a superação das dificuldades experienciadas no cotidiano escolar. (GARRIDO, PIMENTA & MOURA, 2000:91)

Reelaborar a prática é o constante labor do que é feito por instrumento do *logos*. Isso reconfigura a formação docente:

Esta perspectiva reorienta os cursos de formação, no que diz respeito, sobretudo, às relações dialógicas entre teoria e prática e à importância da aprendizagem de procedimentos investigativos e de interpretação qualitativa dos dados. Nesse processo, fica explícita a importância da atuação coletiva dos professores no espaço escolar, propiciador de trocas reflexivas sobre as práticas, o que qualifica a profissão do professor, definindo-o como intelectual em processo contínuo de formação (GARRIDO, PIMENTA & MOURA, 2000:92)

Em que medida? Na medida em que compreendermos que epistemologia não resulta de especulações bibliográficas, mas sim do entendimento que se faz junto à coisa; é na *luta* com a realidade (o que chamei de labor) que emerge o entendimento dela. É na escola, com os professores, que encontramos espaço privilegiado para a produção de uma *epistemologia da prática*.

Concluindo, faço um resumo do que pretendi sustentar nesse trabalho.

Inicialmente, concebi *epistemologia da prática* como uma forma de entender-se com a prática, essa como sendo fruto das tensões e conquistas próprias da condição humana. Coloquei essa investigação no âmbito da Didática por entendê-la como sendo o estudo do ensino em situação, ou dito de outra forma, a *prática* de ensino.

## BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO, Junito. *Dicionário Mítico-Etimológico*. Petrópolis: Vozes, 1993. Este foi publicado pela primeira vez em 1991.
- CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck, 1999. Este dicionário foi publicado pela primeira vez em francês em 1968.
- DEWEY, John. *Como pensamos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953, 2ª edição. Este livro foi publicado originalmente em inglês em 1909.
- GARRIDO, Elsa, PIMENTA, Selma Garrido & MOURA, Manoel Oriosvaldo. *A pesquisa colaborativa na escola como abordagem facilitadora para o desenvolvimento da profissão do professor*. In Alda Junqueira Marin, Educação continuada. Campinas: Papirus, 2000.
- HEIDEGGER, Martin. *Lógica. A doutrina heraclítica do logos*; in Heráclito. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998. Este texto foi um curso de Heidegger ministrado em 1944.
- HERÁCLITO. *Fragments*; in Os Pensadores: Os pré-socráticos, tradução de José Cavalcante de Souza, São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996; in Os Pensadores Originários, tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- LIBÂNEO, José Carlos & PIMENTA, Selma Garrido. *Formação de profissionais da educação: visão crítica e perspectiva de mudança*. In Elizabeth Silves P. Camargo et. alli. Formação de profissionais da educação: políticas e tendências. Educação & Sociedade: revista quadrimestral de Ciência da Educação/CEDES. Campinas: CEDES, n. 69, 1999.
- LIDELL & SCOTT. *An intermediate Greek-English Lexicon*. Oxford: Oxford University Press, 1997. Este livro foi publicado pela primeira vez em 1889.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Tentativa de autocrítica*, in O nascimento da tragédia ou Helenismo e pessimismo. São Paulo: Cia. Das Letras, 1992. Esse texto foi publicado originalmente em alemão em 1871.
- PIMENTA, Selma Garrido. *A pesquisa em Didática – 1996 a 1999*. In Didática, currículo e saberes escolares. Vera Maria Candau (org.) Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- PIMENTA, Selma Garrido. *Panorama atual da Didática no quadro das Ciências da Educação: Educação, Pedagogia e Didática*; in Pedagogia, Ciência da Educação?, org, por Selma Garrido Pimenta. São Paulo: Cortez Editora, 1996.
- PLATÃO. *Complete Works*, in The Perseus Digital Library, Tufts University; endereço na internet: <http://www.perseus.tufts.edu>.
- PUTNAM, Hilary. *Razão, verdade e história*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992. Este livro foi publicado pela primeira vez em inglês em 1981.
- SEDUC – Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso. *Programa Interinstitucional de Qualificação Docente*. Cuiabá, 1996.
- ZEICHNER, Kenneth M. & ILSTON, Daniel P. *Reflective teaching: an introduction*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Ass, Publis, 1996.
- ZEICHNER, Kenneth M. *El maestro como profesional reflexivo*. In Cuadernos de Pedagogia, 220, p. 44-49, 1992.

## Em busca de conceitualização de Epistemologia da Prática

### Investigação etimológica do termo **Epistemologia**

Epistemologia: Composição de dois termos gregos

<sup>TM</sup>pist»mh & lÒgoj

Episteme

'Epist»mh: composição de dois termos

<sup>TM</sup>pi & fstamai  
(sobre) (erguer)

O termo dá a idéia de algo sobre o qual pode-se firmar

*Heidegger*

O que diz *epistêmê*? (...) colocar-se diante de alguma coisa, ali permanecer e deparar-se, a fim de que ela se mostre em sua visão. Esse estar diante de algo numa permanência atenta, *epistêmê*, propicia e encerra em si o fato de nós nos tornarmos e sermos cientes daquilo diante do que assim nos colocamos. Sendo cientes podemos, portanto, tender para (*vorstehen*) a coisa em causa, diante da qual e na qual permanecemos na atenção. Poder tender para a coisa significa entender-se com ela. Traduzimos *epistêmê*, por “entender-se com-alguma-coisa”.

Logos

Logoj: uma divindade grega

Logos era filho de Eris. Eris é a deusa da discórdia, da luta. Concluímos que *logous* (fala) é fruto da discórdia, da disputa. É um elemento da condição humana

### Investigação etimológica do termo **Prática**

pr£ssw  
(prática, trabalho)

*Pimenta*

A prática do professor estaria sendo constantemente reelaborada pela “**reflexão sobre a ação**”, isto é, pela reflexão empreendida antes, durante e depois da sua atuação, tendo em vista a superação das dificuldades experienciadas no cotidiano escolar.

### **Prática reflexiva e Pesquisa colaborativa**

Esta perspectiva reorienta os cursos de formação, no que diz respeito, sobretudo, às relações dialógicas entre teoria e prática e à importância da aprendizagem de procedimentos investigativos e de interpretação qualitativa dos dados. Nesse processo, fica explícita a importância da atuação coletiva dos professores no espaço escolar, propiciador de trocas reflexivas sobre as práticas, o que qualifica a profissão do professor, definindo-o como intelectual em processo contínuo de formação

### **A relação com a Didática e conclusões**

**Epistemologia:** a con(s)ciência que se entende com alguma coisa

**Prática:** o substantivo do ensino em situação

**Didática:** o estudo do ensino em situação

**Epistemologia da prática:** análise de processos formativo cujo objeto seja a prática própria ao ensino, considerando sua situação e movimento.